

A PARCERIA ENTRE O INSTITUTO DE TERAPIAS INTEGRADAS DE PORTO ALEGRE E A FUNDAÇÃO TÊNIS

Psican. Eluza Nardino Enck *
Psic. Priscila Lapinski Silva **

A Violência nas Comunidades

Há cerca de dois anos, começamos efetivamente a trabalhar diretamente com os professores e monitores da Fundação Tênis. Uma instituição não governamental sem fins lucrativos, que tem como mantenedoras empresas e instituições privadas e públicas e também conta com a colaboração financeira de pessoas físicas. Começou suas atividades em outubro de 2000 e hoje atende uma média anual de 1040 alunos. Tem como objetivo fazer com que, por meio da prática sistemática e disciplinada do tênis, crianças e adolescentes - atualmente de 7 a 17 anos - em condições de vulnerabilidade social, resgatem valores de cidadania e se preparem para ingressar no mercado de trabalho, seja por meio de cursos profissionalizantes, seja pela realização de estágios. Todas as atividades são desenvolvidas com base na Educação Olímpica, apoiada em três valores olímpicos essenciais: amizade, respeito e excelência.

Este início foi consequência de um longo processo anterior de conversas, que inicialmente partiram da idéia de atuar junto aos alunos, para ajudá-los a se desligar de forma mais tranquila e natural da FT, quando completavam 17 anos. Este afastamento e a proposta de frequentar cursos profissionalizantes e/ou treinamentos estava sendo problemática, sujeita a resistências, boicotes e fracasso, comprometendo aquilo que era o objetivo principal e final de todo o projeto. Os alunos não queriam sair da FT. Ao começarmos a falar sobre os casos em que isto estava acontecendo, nos aprofundando em suas particularidades, um novo universo se abriu, muito além e muito antes das dificuldades de deixar a Fundação. Havia todo um processo anterior de crescimento e amadurecimento dos alunos que precisava ser construído, desenvolvido, para que a "independização" pudesse acontecer. E os principais condutores deste complexo e difícil processo deveriam ser os professores e monitores que acompanhavam estas crianças e jovens ao longo do tempo, num trabalho entrecruzado por histórias de vida trágicas, traumáticas e sofridas. Ou seja, antes de tudo precisávamos dar condições aos cuidadores substitutos, àqueles que, na transferência, e diante de tanta carência, eram

* Docente do ITIPOA

** Especialista em Psicoterapia de Orientação Psicanalítica de Adultos - ITIPOA

"adotados" como figuras parentais tão necessitadas e tão desesperadamente desejadas, para que pudessem dar continuidade ao processo. Como deixar a FT se tudo o que era mais necessitado havia sido encontrado ali?

Iniciamos então um trabalho junto a coordenadores, professores e monitores proporcionando-lhes um espaço de escuta em encontros quinzenais na sede do ITIPOA.

Iniciando o trabalho individual ou em duplas com os professores/ monitores....

Temas trazidos para os encontros:

- As realidades familiares são determinantes no desempenho dos adolescentes? Como lidar com isso?
- Como lidar com tanta precariedade na satisfação de necessidades básicas?
- Como lidar com crianças cuja realidade é a convivência com o tráfico, assassinatos e todo tipo de violência?
- Como identificar os sinais de que um aluno está em "perigo" e o que fazer? Para quem/onde encaminhar?
- O que fazer com crianças que sofreram abuso de qualquer natureza?
- Preocupações com a sensualidade das meninas pré adolescentes.
- Qual é o limite entre professor e aluno quando o corpo está envolvido?
- Como estabelecer limites?
- As condutas anti-sociais.
- Professor de educação física é visto como "alguém que entende de problemas". Talvez porque é no corpo que as emoções se expressam?
- Professores como modelos vivos de identificação. Como trabalhar com isto?
- Sobre a relação Escola X Fundação
- Como instrumentalizar professores e monitores para lidar com tais questões.

- Questionamentos quanto a falta de linhas pedagógicas.

A partir destes questionamentos o trabalho foi se desenvolvendo através de duas vertentes principais:

1) Os encontros quinzenais individuais ou em duplas se revelaram de grande relevância e veículo para:

- Identificar e compreender dinamicamente as diferentes situações vivenciadas;
- Identificar graus de envolvimento;
- Identificar os fenômenos emergentes nas relações, esclarecendo seu significado e importância;
- Validar as sensações, percepções, propostas e manejos - atitudes dos professores e monitores na maior parte do tempo adequadas e eficazes;
- Conscientizá-los da importância de suas condutas, de suas presenças, de seu olhar e escuta frente a estes alunos, como modelos e possibilidades de experimentar relações nunca antes vividas; Isto se mostrou um instrumento valioso na busca de encaminhar as dificuldades encontradas;
- Identificar ruídos na relação entre as diferentes esferas da instituição, descontentamentos, possíveis de interferir no trabalho como um todo com os alunos, e nos objetivos que buscavam alcançar;
- A construção conjunta de estratégias de manejo das diferentes situações com as crianças e adolescentes, bem como outras pessoas envolvidas;
- Verificar alcance do manejo no âmbito da Fundação;
- Buscas de outros recursos....

2) Do ponto de vista teórico

Instrumentalizar professores e monitores para identificar as situações e encaminhá-las, através de ciclo de palestras, enfocando os seguintes temas:

a) o desenvolvimento emocional do indivíduo - da concepção ao final da adolescência

b) o que é esperado para as diferentes etapas da vida e o que não é esperado (está alterado)

c) como fazer esta diferenciação

d) sobre alguns desvios de comportamento mais encontrados entre as crianças e adolescentes que frequentam a Fundação

Com o andamento do trabalho foi se construindo entre professores, monitores e coordenações, a idéia de poderem discutir conosco os casos que se apresentavam como contendo as maiores dificuldades de manejo e condução, tanto referente aos alunos, como com as escolas e famílias. Os espaços criados para o ITIPOA nos seminários gerais, com a participação de representantes de todos os núcleos existentes no Brasil, e utilizados inicialmente para os ciclos de palestras, passaram a ser utilizados para as "discussões de caso" , quando numa espécie de supervisão nos são apresentadas as narrativas das situações que se mostraram difíceis de serem conduzidas, tanto dentro de quadra e fora dela, a partir do que nos propomos a pensarmos juntos o entendimento e a proposta de manejo.

Um exemplo dos casos apresentados de um dos núcleos atendidos:

“Estamos enfrentando dificuldades para lidar com dois irmãos (um menino e uma menina com 14 e 13 anos respectivamente) filhos por parte de pai, que moram em casas diferentes - o menino mora com a mãe e a menina com os pais (outra relação do pai). Fazem aula na mesma turma e estão sempre brigando, a ponto de atrapalhar a aula dos colegas. Os dois são bem difíceis de conversa, acham que estão sempre com a razão e estão constantemente procurando maneiras de provocar e ofender um ao outro (principalmente o menino). Já tentamos conversas individuais e em grupo no sentido de mostrar que não há sentido no que estão fazendo e que seria muito mais vantajoso para os dois se eles se entendessem. Estamos tentando reunir a família na escola, mas a mãe do menino disse que não vai. Quais outras ações podemos realizar?

Tentativas de resolução:

- Conversas individuais e em grupo, tentando mostrar que não há sentido nas brigas e que seria mais vantajoso que os dois se entendessem.

- Reunir a família na escola, mas a mãe do menino disse que não iria.”

DISCUSSÃO

Após a apresentação do caso pelo professor responsável pelo Núcleo, o grupo fez algumas perguntas e deixamos que eles debatessem. Alguns pensaram na possibilidade de desligamento da FT; outros pensaram em outras formas de diálogo (questionando, por exemplo, se a saída de quadra de um dos três professores para atender individualmente a um deles não causaria prejuízo para o restante do grupo e para a atividade, assim como, poderia dar a ideia de que este estaria sendo privilegiado e surtir como efeito mais brigas para que tenha esse privilégio do professor só para ele). Até que, na discussão dos professores, monitores e coordenadores, começou a se desenhar a solução de separar os irmãos em turmas diferentes. Mas, nesse caso, um deles seria prejudicado, pois iria para uma turma dos menores, sendo que ambos são da mesma faixa etária e tem o mesmo nível técnico no tênis.

Neste ponto, interferimos na discussão e começamos a buscar um entendimento psicanalítico para o que estava ocorrendo, inclusive dos fenômenos de transferência e contratransferência que eram perceptíveis.

Essas crianças pareciam estar encenando em quadra, aqui representando um setting confiável e acolhedor, seu conflito familiar. São irmãos, de parte paterna, sendo que o menino - um ano mais velho - mora somente com a mãe; já a menina, filha do pai com a atual mulher, mora com ambos, tendo o privilégio de morar com o pai. Pelo que se pode inferir da história, a partir de conversas com eles, o pai traiu a mãe do menino com a mãe da menina e ambas vivem brigando. O pai teria optado por ficar com a mãe da menina, o que sustenta a hipótese de que esta situação estaria motivando a negativa da mãe do menino em participar de qualquer reunião proposta pela FT e pela escola na busca de tentar resolver a situação.

Pensar em desligá-los, ou a um deles, pareceria repetir de certa forma essa história, onde o menino foi "desligado" da relação com seu pai e ambos irmãos disputam um lugar frente a este, enquanto repetem a relação de hostilidade e disputa protagonizada pelas mães. Repetem em sua relação a relação de disputa estabelecida entre as mães.

Com relação a saída do professor para falar com um deles, quem sabe poderia estabelecer uma ideia de priorizar um, em detrimento do outro, acirrando ainda mais o clima de disputa e traição. O menino, que nas aulas é o que mais chama atenção com relação as ofensas dirigidas à irmã, parece sempre sentir-se em desvantagem. Cada

coisa que um consegue a mais que o outro é uma batalha vencida nessa disputa inconsciente por amor.

Quanto a separar os irmãos de turma, começamos a nos dar conta que, inconscientemente, estávamos entrando nessa lógica de privilegiar um deles e como faríamos a escolha de qual? Ambos têm a mesma idade e o mesmo nível técnico no tênis. Para separá-los, teríamos que “involuir” um deles, colocando em uma turma de alunos mais novos e de nível técnico inferior. Foi quando juntamos as poucas informações que temos dessa família. Em casa ocorrem brigas sérias envolvendo as duas mães, tendo havido, em uma ocasião, episódio de agressão e envolvimento com a polícia, situações que colocam esses adolescentes como vítimas dos adultos e impotentes frente as situações de litígio familiar.

A transposição para a quadra - enquadre- coloca-os em um ambiente propício e seguro para encenar o conflito, e os transforma em elementos ativos ao invés de submetidos, onde os demais colegas, assim como os professores e monitores passam a sofrer as consequências, tais como sentimentos de impotência, de submetimento e humilhação. E, como no caso dos pais, a idéia inicial propunha resolver o impasse de forma vertical, impondo a um deles a separação, e, com isso, o maior prejuízo, a perda, o que seria mais simples do que mediar o conflito.

Foi quando nos ocorreu a alternativa de um espaço de escuta diferenciado do que vinha ocorrendo até então, onde as conversas vinham tendo o intuito de mostrar que não havia sentido para aquelas brigas. Na verdade, havia inúmeros sentidos para aquelas brigas, o que possivelmente nem os irmãos nem os professores podiam compreender. Agora, poderia se pensar em um espaço que os colocasse como protagonistas do que estava acontecendo e, assim, da mesma forma como protagonizavam as brigas, pudessem passar, com o auxílio dos adultos, a protagonizar a solução, já que do jeito que estava não daria para continuar. A proposta consistiu em expor a eles a situação e escutar o que eles poderiam pensar como forma de resolução, pois a FT não gostaria de ter que involuir algum deles, muito menos desligá-los, já que ambos são muito importantes para o grupo; entretanto o grupo precisa deles funcionando dentro do grupo, como parte desse.

Tentamos com isso abrir um espaço de pensamento, onde eles pudessem sentir-se importantes protagonistas com relação a suas escolhas, ao invés de reativos atadores do conflito familiar, como em suas casas.

Alice Miller nos diz que a verdade liberta, que há mudanças a serem feitas que levam à superação do ódio, entre elas deixar de assumir pontos de vista dos outros, sobrecarregar-se com sentimentos alheios, que não se pode ordenar, obrigar-se a deixar de ver os fatos e negar a consciência deles. Enfim, poder ter pensamentos que vêm à mente e os sentimentos correspondentes.

Em muitas situações nos deparamos com a necessidade de conhecer mais amplamente os dados das histórias para um maior aprofundamento do caso. Para isso, pensamos que seria fundamental a presença de um psicólogo na equipe que pudesse não só buscar essas informações, como também fazer a leitura de como isso aparece um quadra, nas relações das crianças e adolescentes com a equipe e entre eles próprios. Não no sentido de um atendimento individualizado, mas de um pensamento psicanalítico sobre estes fenômenos sociais.

Outra forma de intervenção que está sendo iniciada é a de participarmos das reuniões com os pais e familiares, para abordarmos com eles assuntos de seu interesse indicados previamente.

CONCLUSÃO

No contexto onde atuam, assim como acontece em um setting psicanalítico, os encontros de professores e monitores com as crianças se dão em local, horário e regras fundamentais estabelecidas, assegurando o ambiente de confiança e segurança necessários para que a relação possa se desenvolver. No dizer de Winnicott, estaríamos falando de um "meio ambiente facilitador" no qual a criança possa evidenciar suas capacidades e potenciais sob o olhar de um adulto continente e confiável. Tal situação também proporciona o aparecimento de fenômenos transferenciais e contratransferenciais, manifestos de maneira notável em relatos que temos o privilégio de escutar.

Nosso trabalho tem sido o de poder proporcionar aos professores e monitores uma escuta e um olhar que os autoriza e os fortalece como "mães e pais" sensíveis às necessidades e comunicações das crianças e adolescentes, a partir do momento em que de um lado possam entender os dinamismos e demandas das diferentes faixas etárias, bem como suas motivações inconscientes ao longo do desenvolvimento e, de outro, possam reconhecer a sua condição de proporcionar a eles um atendimento "suficientemente bom".

Nos seminários teóricos, além de transmitir como se dá o desenvolvimento emocional, desde a gestação até a adolescência, buscamos esclarecer os parâmetros do que é esperado para cada faixa etária e, a partir de então, as possibilidades de manejo, bem como o que começa a se configurar como alterações e desvios deste desenvolvimento. A partir deste conhecimento e apreensão dos significados, eles começam a conseguir dar sentido às tantas experiências e vivências em quadra ou fora dela.

Assim como a mãe, que buscará em suas experiências de bons cuidados recebidos de sua mãe a bagagem para proporcionar os bons cuidados que poderá fornecer ao seu filho, o espaço de acolhimento, confiança, estímulo e reconhecimento que proporcionamos aos professores repercute num espaço que estes podem oferecer aos alunos, pois um "ambiente" caracterizado por oferecer um olhar e uma escuta de compreensão, reconhecimento e estímulo promove a expansão de um espaço interno que, por sua vez, os torna disponíveis para oferecê-lo, nos mesmos moldes que o receberam, para aqueles que são o objetivo principal e final do trabalho - as crianças e adolescentes da Fundação.

Existe outro elemento que se alia a estes outros que é a disciplina necessária e suficientemente adequada para que se desenvolva o esporte, que passa a ser, antes de tudo, organizadora e promotora de segurança para um crescimento seguro. O desafio para buscar este grau "suficientemente adequado" de disciplina é especialmente intensificado, quando consideramos a população assistida. Ali a disciplina desde o início de suas vidas esteve ausente, precariamente presente ou, por outro lado, excessivamente distorcida e pervertida.

E, parafraseando a nós mesmas no artigo escrito para o Jornal do ITIPOA, de 2014, ...

"Crianças e adolescentes expostos a situações de vida em que a violência, a precariedade de cuidados (desde os mais básicos), a carência física e afetiva estão invariavelmente presentes, trazem consigo uma marca difícil de transformar, bem como de lidar, seja ela expressa em comportamentos ou sentimentos. Aceitar as limitações de mudança impostas pelo ambiente e pelas difíceis e pesadas experiências já internalizadas pelos alunos, tem sido uma importante conquista dos professores, monitores e coordenadores, a partir do nosso trabalho, o que tem levado a uma maior

confiança e tranquilidade para seguirem também suas intuições no sentido de fornecer apoio e ajuda a quem tanto necessita.

No momento em que a psicanálise se insere numa sociedade ela está assumindo um compromisso, na medida em que sua inserção tem consequências."

A psicanálise como instrumento de transformações sociais não deve seguir um modelo assistencialista, colocando os indivíduos no lugar de vítimas, estimulando a dependência, como se assiste em nossa sociedade, mas precisa se inserir como promotora de desenvolvimento pessoal, de desejos de independência e valorizando o reconhecimento das capacidades e méritos individuais.

É por este caminho que a Fundação Tênis procura seguir e por estes princípios básicos da psicanálise que precisamos nos orientar.